

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO BACHAREL EM  
DESIGN DE MODA

**ISRAINY LIMA DOS SANTOS**

**RAÍZES EM FIO: A HERANÇA TROPEIRA NA REINTERPRETAÇÃO DA  
PILCHA GAÚCHA E DA MODA SERTANEJA COMO EXPRESSÃO DE  
IDENTIDADE NO DESIGN CONTEMPORÂNEO**

SÃO PAULO  
2025/2

ISRAINY LIMA DOS SANTOS

**RAÍZES EM FIO: A HERANÇA TROPEIRA NA REINTERPRETAÇÃO DA  
PILCHA GAÚCHA E DA MODA SERTANEJA COMO EXPRESSÃO DE  
IDENTIDADE NO DESIGN CONTEMPORÂNEO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade de Belas Artes de São Paulo como  
parte das exigências para obtenção do título de  
Bacharel em Design de Moda.

Orientadora: Profª. Dra. Flávia Rodrigues.  
Profª. Ms. Valeska Nakad  
Prof. Ms. Otávio Pereira Lima  
Prof. Ms. Robson Alves

SÃO PAULO  
2025/2

## SUMÁRIO

<b>SUMÁRIO</b>	<b>3</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>1 MODA E INDUMENTÁRIA: A HISTÓRIA EM FIOS DA PILCHA GAÚCHA E SEUS CÓDIGOS DE GÊNERO</b>	<b>6</b>
1.1 O Vestuário como Palimpsesto: As Raízes Globais da Indumentária Campeira	6
1.2 A Pilcha e a Codificação de Gênero: Um Campo de Batalha Simbólico	8
1.3 A Pilcha e a Moda Sertaneja: Estéticas Gêmeas da Herança Tropeira	9
<b>2 CULTURA E HISTÓRIA: O TROPEIRISMO COMO ALICERCE DA CONVERGÊNCIA SOCIOCULTURAL</b>	<b>10</b>
2.1 A Rota da Identidade: O Tropeiro e o Eixo de Intercâmbio	10
2.2 Convergência Cultural: O Porquê da Semelhança e a Justificativa Estética	11
2.3 A Convergência no Design: A Reinterpretação da Pilcha para a Autonomia Feminina	12
<b>3 IDENTIDADE E EXPRESSÃO: O PROTAGONISMO FEMININO NO DESIGN</b>	<b>12</b>
3.1 Identidade como Construção e a Autonomia Feminina no Vestir	13
3.2 A Moda como Consumo de Identidade e a Demanda por Genuinidade	13
3.3 O Vestido de Prenda: O Alicerce Emocional para a Reinterpretação no Design	14
<b>4 CONCLUSÃO (CONSIDERAÇÕES FINAIS)</b>	<b>15</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>17</b>

## RESUMO

O presente artigo investiga como a Herança Tropeira atua como alicerce histórico na união cultural entre o Pampa Gaúcho e o Interior Paulista. Analisa a indumentária como campo de tensão, onde a Pilcha Gaúcha codificada e a Moda Sertaneja orgânica convergem em uma estética funcional. A pesquisa propõe a coleção *Raízes em Fio* como estudo de caso, focando na fusão de códigos de gênero (elementos da Bombacha na modelagem feminina) para traduzir a força da tradição. O design visa afirmar a autonomia e a complexa identidade da mulher contemporânea (Prenda/Biriva). Conclui-se que essa reinterpretação preenche uma lacuna de mercado, honrando a história mestiça brasileira com autenticidade e rigor.

**Palavras-chave:** Tropeirismo; Pilcha; Moda Sertaneja; Identidade; Fusão de Cóneros.

## ABSTRACT

This article investigates how the Tropeira Heritage serves as the historical foundation for the cultural convergence between the Gaúcho Pampa and the Paulista Inland. It analyzes traditional attire as a field of tension where the codified Gaúcha Pilcha and the organic Sertaneja Fashion meet in a functional aesthetic. The study proposes the *Raízes em Fio* collection as a case study, focusing on the fusion of gender codes (elements of the Bombacha in feminine tailoring) to translate the strength of tradition. The design aims to affirm the autonomy and complex identity of the contemporary woman (Prenda/Biriva). We conclude that this reinterpretation fills a market gap by honoring Brazil's mixed heritage with authenticity and rigor.

**Keywords:** Tropeirismo; Pilcha; Sertaneja Fashion; Identity; Gender Fusion.

## INTRODUÇÃO

O vestuário, para além de sua função utilitária e estética, constitui um sistema de comunicação social complexo, atuando como artefato cultural que articula memórias, identidade e pertencimento. Segundo Barbosa (2017), a moda interpreta e reinterpreta esses códigos, especialmente em contextos nos quais a tradição regional possui força simbólica consolidada. Nesse sentido, o Brasil apresenta expressões indumentárias que resistem à uniformização global, servindo como marcadores visuais de identidades locais. É nesse contexto de intersecção entre tradição e contemporaneidade que se insere o presente estudo.

O foco da pesquisa recai sobre a indumentária oriunda da Herança Tropeira, vetor de difusão cultural fundamental que, desde o século XVIII, estabeleceu rotas de intercâmbio entre o Sul (Capitania de São Pedro, hoje Rio Grande do Sul) e o Sudeste do Brasil (principalmente interior paulista e regiões mineradoras). Conforme Silva (2010), o tropeirismo<sup>1</sup> não foi apenas atividade econômica, mas matriz cultural que disseminou costumes, gastronomia, vocabulário e elementos de vestuário. No Sul, essa herança consolidou-se em movimentos como o Tradicionalismo Gaúcho, resultando na normatização da Pilcha<sup>2</sup>. No Sudeste e Centro-Oeste, a mesma matriz floresceu de forma mais fluida, influenciando o que hoje se compreende como Moda Sertaneja. A convergência entre a Pilcha Gaúcha e a Moda Sertaneja reside, portanto, nessa raiz tropeira comum, legitimando a análise integrada de seus códigos no design de moda.

A pesquisa concentra-se especificamente no vestuário feminino, considerando o Vestido de Prenda como locus central da coleção. Este traje, reconhecido como símbolo da feminilidade e identidade cultural no contexto do MTG<sup>3</sup>, será reinterpretado na coleção *Raízes em Fio* por meio da fusão com elementos da Pilcha, equilibrando tradição e funcionalidade da Moda Sertaneja contemporânea. Conforme Cardozo et al. (s.d.), o Vestido de Prenda, criado em 1948, foi regulamentado para representar a mulher gaúcha em harmonia com a vestimenta masculina (Peão), mas sofre pressões de modernização e tendências passageiras da moda. Essa tensão entre preservação da identidade cultural e evolução estética constitui o cerne do problema investigativo.

---

<sup>1</sup> **Tropeirismo:** Movimento de caravanas de gado e mulas (tropeiros) que, a partir do século XVIII, criou a principal rota de comércio e intercâmbio cultural entre o Sul e o Sudeste do Brasil.

<sup>2</sup> **Pilcha:** Traje típico e oficial do gaúcho, regulamentado por códigos rígidos. Funciona como a "roupa de gala" da tradição.

<sup>3</sup> **MTG:** Sigla para Movimento Tradicionalista Gaúcho. É a entidade responsável por preservar, regulamentar e fiscalizar os costumes, a história e a indumentária (*Pilcha*) da cultura gaúcha.

A pesquisa busca responder à seguinte questão norteadora: Como a herança tropeira pode ser reinterpretada no design de moda contemporâneo para articular a identidade cultural da Pilcha Gaúcha e da Moda Sertaneja, garantindo autenticidade e valorização dos saberes femininos intergeracionais?

O estudo visa:

- Analisar a influência do tropeirismo como fator de conexão cultural entre Sul e Sudeste do Brasil;
- Investigar o papel do Vestido de Prenda como símbolo de pertencimento e repositório de saberes femininos;
- Identificar lacunas no mercado da moda sertaneja que demandam soluções mais autênticas;
- Apresentar a coleção *Raízes em Fio* como proposta prática que harmoniza estética tradicionalista e contemporaneidade.

A justificativa reside na dupla contribuição acadêmica e prática: ao integrar História, Antropologia Cultural e Design de Moda, a pesquisa reforça a compreensão do vestuário como elo entre passado, presente e futuro, valorizando os saberes familiares transmitidos entre gerações. Praticamente, oferece direcionamento para o segmento de moda sertaneja, propondo peças que traduzam valor cultural e emocional de forma autêntica e versátil.

## **1 MODA E INDUMENTÁRIA: A HISTÓRIA EM FIOS DA PILCHA GAÚCHA E SEUS CÓDIGOS DE GÊNERO**

A Moda é um sistema semiótico poderoso, capaz de registrar as transformações sociais e culturais com mais fidelidade do que muitos documentos escritos (SOUZA, 2005). A Pilcha Gaúcha é um registro vivo dessa complexidade, funcionando como um palimpsesto<sup>4</sup> cultural onde se leem influências globais, adaptações pragmáticas ao trabalho e a imposição de rígidos códigos de gênero. Este capítulo aprofunda a análise

---

<sup>4</sup> **Palimpsesto:** Conceito que descreve um objeto ou texto onde camadas de significados anteriores (história, cultura) permanecem visíveis sob as camadas atuais, indicando ressignificação contínua.

histórica da indumentária campeira, desvendando as narrativas de origem e a tensão simbólica que a sustenta.

### 1.1 O Vestuário como Palimpsesto: As Raízes Globais da Indumentária Campeira

A indumentária do homem e da mulher do Sul não é uma criação isolada, mas sim o resultado de uma hibridização pragmática. O traje tradicional, longe de ser totalmente autóctone, nasceu da necessidade de funcionalidade e sobrevivência na lida sobre o cavalo. A Pilcha é o produto de uma apropriação seletiva de elementos de diferentes culturas, integrados e ressignificados no contexto dos pampas<sup>5</sup> e das serras. A constituição da indumentária gaúcha, em seu estágio inicial, não pode ser atribuída a uma única matriz, mas a um mosaico de influências. Os primeiros vetores de difusão incluíram a contribuição indígena (evidenciada pelo *chiripá* e pelo *pala*), a herança açoriana e as peças da indumentária ibérica, mescladas com a invenção tipicamente gauchesca, como a *bota de garrão*<sup>6</sup> de potro e o *cinturão-guaiaca*<sup>7</sup>. O período de 1730 a 1820, por exemplo, marca o início dessa hibridização, na qual os estancieiros mais abastados se vestiam à europeia com adaptações locais, enquanto os peões adotavam soluções mais rústicas e funcionais.

#### 1.1.1 A Bombacha: Uma Jornada que Cruza a Ásia, a Guerra e o Rio da Prata

O elemento mais icônico do vestuário gaúcho, a Bombacha, revela uma narrativa de origem profundamente externa e globalizada. Sua modelagem inconfundível – folgada nas coxas e ajustada nos tornozelos – não foi inventada nas estâncias, mas sim popularizada na Europa e, subsequentemente, no Prata, inspirada em trajes militares turcos e persas. Historicamente, a Bombacha<sup>8</sup> chegou à região do Rio da Prata e, por extensão, ao Sul do Brasil, por meio de fluxos militares, sendo amplamente adotada após a Guerra do Paraguai (1864-1870). Embora inicialmente fosse vista com ressalvas em ambientes de gala, sendo associada aos mais pobres ou ao uso exclusivo em cavalgadas, sua superioridade em mobilidade para o cavaleiro consolidou-a rapidamente como peça essencial, superando a popularidade do *Chiripá*. A adoção da Bombacha pelos peões e tropeiros no Sul do Brasil foi uma decisão de *design* baseada na eficiência (SALEH,

---

<sup>5</sup> **Pampas:** Vastas planícies do Sul da América do Sul (Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina), marcadas por vegetação rasteira e clima propício à criação de gado.

<sup>6</sup> **Bota de garrão de potro:** Bota rústica tradicional feita do couro da pata (garrão) de um cavalo jovem, conhecida por sua durabilidade e flexibilidade.

<sup>7</sup> **Cinturão-guaiaca:** Cinto largo, geralmente de couro, que pode conter bolsos internos (guaiacas) para guardar dinheiro ou pequenos objetos

<sup>8</sup> **Bombacha:** Calça folgada nas coxas e ajustada nos tornozelos. Elemento icônico da indumentária gaúcha, consolidado pela sua funcionalidade na lida campeira.

2015). Ela ofereceu maior mobilidade e conforto para o cavaleiro do que o Chiripá, seu antecessor. Sua chegada deu-se via comércio e importação militar (durante a Guerra do Paraguai), e sua permanência se consolidou pela sua praticidade incomparável na lida campeira. Essa apropriação de um fluxo global, onde o que era estrangeiro se tornou o mais autêntico marcador regional de liberdade e força, é o cerne da argumentação que legitima a reinterpretção estética como objetivo central da coleção *Raízes em Fio*. A Bombacha é, portanto, o símbolo material de que a tradição é um organismo aberto à inovação funcional.

### 1.1.2 O Chiripá e a Herança da América Meridional

O Chiripá, predecessor da Bombacha, conta a história do vestuário campeiro em seu estágio inicial. Sendo um tecido retangular adaptado como uma espécie de saia-calça rústica (RECCO, 2010), ele remete à herança indígena e aos gaúchos platinos, demonstrando o pragmatismo das primeiras populações. A substituição do Chiripá pela Bombacha, motivada pela superioridade funcional desta, reforça que a indumentária é um vestuário vivo e não uma relíquia imutável, honrando, contudo, a miscigenação cultural e desmistificando a Pilcha como um traje de origem puramente europeia.

## 1.2 A Pilcha e a Codificação de Gênero: Um Campo de Batalha Simbólico

A partir de meados do século XX, com o avanço da urbanização, a Pilcha passou por um processo de codificação liderado pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG). Este foi um ato de design social e ideológico, que buscou congelar a forma da indumentária em um tempo idealizado, estabelecendo um rigoroso código de dualidade de gênero.

### 1.2.1 A Pilcha como um Sistema Dual: Força Masculina vs. Recato Feminino

O código de vestuário do MTG formalizou a divisão de papéis:

- Traje Masculino (Peão): Peças como a Bombacha foram consagradas como símbolos de força, mobilidade e autonomia no espaço público (SALEH, 2015). A imagem do peão é de poder e resistência, uma projeção da figura masculina idealizada no campo.
- Traje Feminino (Prenda): O Vestido de Prenda, formalizado após 1948 (REOLON; OLIVEIRA, s.d.), foi deliberadamente desenhado para expressar delicadeza, recato e a função de guardiã da tradição no ambiente doméstico

(CIRANDA CULTURAL DE PRENDAS, 2021). As regras estritas sobre decote, comprimento e volume visavam conter a expressão feminina dentro de um ideal moral.

### 1.2.2 A Tensão da Expressão Feminina e a Fusão de Códigos no Design Contemporâneo

Essa rigidez do código, essencial à preservação histórica, entra em conflito direto com o protagonismo da mulher contemporânea. As novas gerações buscam que a indumentária reflita sua força, autonomia e participação ativa na sociedade, e não apenas a delicadeza (CIRANDA CULTURAL DE PRENDAS, 2021). O vestuário transforma-se em um campo de batalha simbólico onde o *design* pode promover a mudança.

A coleção *Raízes em Fio* propõe atuar nesse limiar, promovendo a fusão dos códigos de gênero. Ao reinterpretar elementos tradicionalmente masculinos (a estrutura da Bombacha e sua simbologia de liberdade e força) em peças femininas – como a amplitude na calça pantalone e o volume nas mangas bufantes – o *design* injeta a simbologia da força no vestuário da Moda Sertaneja. Essa ruptura controlada (ANDRADE, 2018) permite que a tradição evolua, alinhando a história cultural à identidade da mulher do século XXI.

### 1.3 A Pilcha e a Moda Sertaneja: Estéticas Gêmeas da Herança Tropeira

A Herança Tropeira é o fio condutor que legitima a fusão de códigos, unificando a estética do Sul (Pilcha) e do Sudeste (Moda Sertaneja) como expressões culturais gêmeas da vida no campo. A moda e a cultura, em geral, possuem uma relação simbiótica, onde a indumentária opera como um espelho das transformações sociais, da ideologia e dos valores de um grupo (BARBOSA, 2017). No contexto tropeiro, essa relação se traduziu em um vestuário que, embora nascido da funcionalidade para o trabalho (a lida), evoluiu para um marcador de identidade, transmitido e ressignificado através das gerações.

- Moda Sertaneja como Fluides: No interior paulista, a estética tropeira desenvolveu-se na Moda Sertaneja, que, por não ter a formalização do MTG, floresceu de forma fluida e adaptável às tendências urbanas. Isso confere à Moda Sertaneja uma adaptabilidade que o código da Pilcha negou. Essa fluides é

evidenciada pela capacidade do gênero de absorver estilos diversos, desde o *country* norte-americano (com seus chapéus e botas) até elementos do *pop* urbano, especialmente com o advento do *Sertanejo Universitário*. O desenvolvimento da Moda Sertaneja é, portanto, uma evolução orgânica, moldada pela influência da música e de seus ícones que mesclam o rústico, o casual e o glamouroso enquanto a Pilcha se manteve rigorosamente balizada pela regra do MTG para a preservação histórica.

- O Mercado da Autenticidade: O mercado da Moda Sertaneja carece de propostas que conciliem tradição, alta qualidade e inovação. A coleção *Raízes em Fio* preenche essa lacuna, oferecendo um vestuário casual-simbólico (DUTRA, 2014) que une a força da Pilcha com a adaptabilidade da Moda Sertaneja, permitindo que o consumo se traduza em autoafirmação e orgulho cultural.

## **2 CULTURA E HISTÓRIA: O TROPEIRISMO COMO ALICERCE DA CONVERGÊNCIA SOCIOCULTURAL**

O Tropeirismo transcendeu a mera atividade logística para se firmar como o alicerce histórico e antropológico que forjou a identidade mestiça do Centro-Sul do Brasil. Esta seção visa aprofundar a relevância dessa conexão, demonstrando como a circulação de pessoas e mercadorias impulsionou um sincretismo cultural cujas manifestações se tornaram evidências da convergência que legitima a investigação estética deste projeto. A atividade tropeira foi um elemento vital para a manutenção da economia colonial e imperial, crucial para o ciclo do ouro e a consolidação da produção cafeeira, atuando como um poderoso motor de desbravamento e integração territorial do Brasil (FRANCO, 1997).

### **2.1 A Rota da Identidade: O Tropeiro e o Eixo de Intercâmbio**

A partir do século XVIII, o estabelecimento do Caminho do Viamão (HOLANDA, 1976) para escoar o gado e os muares do Sul para as regiões do Sudeste inaugurou um eixo de intercâmbio sociocultural (SANTOS, 2006). O tropeiro, como indivíduo itinerante, atuava na difusão de costumes e dialetos. A significância desse fluxo reside na criação de

uma identidade de trânsito, adaptável e mestiça. Esse fluxo, que ligava o Sul (Viamão) a Sorocaba, passando pelos Campos Gerais no Paraná, não apenas transportava mercadorias, mas disseminava modos de vida, induzindo o surgimento de núcleos urbanos e agro-pastoris ao longo de sua rota (MACHADO, 2001). Os tropeiros, nesse contexto, atuaram como "grandes interlocutores do litoral com o interior" (PAES, 2013), deixando ricas informações sobre a origem de cidades, os pousos e as relações humanas ao longo do caminho.

### 2.1.1 As Lógicas de Absorção Cultural e o Hibridismo Estético-Funcional

A convergência entre o Sul e o Interior Paulista é legítima porque ambas as culturas, apesar dos métodos distintos de preservação, absorveram a herança tropeira de forma pragmática e funcional, resultando em soluções de vida notavelmente semelhantes:

- No Sul (Institucionalização e Rigor): O legado tropeiro foi transformado em projeto de memória pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), que codificou a Pilcha (SALAH, 2015). O rigor aqui é o valor documental que atesta a importância daquela história.
- No Interior Paulista (Evolução Orgânica): A influência tropeira floresceu na Moda Sertaneja (MACHADO, 2001) sem o rigor institucional. Essa cultura é flexível e maleável, absorvendo as tendências do cotidiano de forma orgânica.

O Biriva (MACHADO, 2001) personifica esse ponto de união, atuando como mediador cultural e reforçando que a interconexão das regiões é um fato histórico inegável (ROBBIN; ROMANO, 2023).

### 2.2 Convergência Cultural: O Porquê da Semelhança e a Justificativa Estética

A similitude funcional entre a cultura do Pampa e a do Interior Paulista é a chave que justifica a convergência estética e a proposta de *design*:

#### 2.2.1 Culinária: A Semelhança que Uniu pela Durabilidade

O Feijão-Tropeiro (Sudeste) e o Arroz Carreteiro (Sul) são idênticos em seu propósito

funcional: durabilidade e alto valor nutricional para a jornada. O sincretismo culinário comprova que, diante do desafio da rota, a solução encontrada pelas pessoas em ambas as extremidades do caminho foi a mesma, solidificando o sincretismo nutricional como marcador de identidade.

### 2.2.2 Indumentária: A Força da Pragmática Campeira

A roupa do homem do campo em ambas as regiões são notavelmente semelhantes em sua finalidade: a funcionalidade para o trabalho a cavalo. A Bombacha (símbolo gaúcho, mas de origem externa) e as calças de peão (Interior Paulista) compartilham essa essência (SALEH, 2015). O *design* se justifica ao reinterpretar esse gesto funcional; a Bombacha torna-se o símbolo da pragmática campeira que unifica as estéticas. A prioridade na escolha da vestimenta era a durabilidade, a proteção contra intempéries e a facilidade na montaria (MACHADO, 2001). Essa pragmática campeira resulta em uma estética de *crioulização*<sup>9</sup>, onde os materiais rústicos e as técnicas de tecelagem, muitas vezes de origem indígena ou popular, eram transformados em peças resistentes e adaptadas ao clima, como o uso de algodão grosseiro e os têxteis de burel e *pellotes* (SCHEIBE-WOLFF, 2001).

### 2.2.3 Música e Linguagem: O Vínculo Narrativo

O Tradicionalismo Gaúcho e o Sertanejo de Raiz (FORLÉO et al., 2018) compartilham um núcleo narrativo e linguístico comum, que registra a experiência da lida. A base é a mesma, e a divergência (ritmos formais vs. orgânicos) reflete apenas a diferença na forma de preservar essa mesma história, mantendo a autenticidade da conexão. A literatura e a poesia inspiradas na lida e no cotidiano do tropeiro, em seus pousos e caminhos, serviram como importantes canais de memória cultural (PAES, 2013). A semelhança na toponímia e no vocabulário regional ligados ao universo rural atesta a eficácia do tropeirismo como difusor linguístico e cultural, unindo as regiões por meio de uma identidade mestiça e resiliente.

---

<sup>9</sup> **Crioulização**: Conceito antropológico que descreve o processo de fusão de elementos culturais diversos que, ao se adaptarem a um novo contexto, dão origem a uma nova cultura.

### 2.3 A Convergência no Design: A Reinterpretação da Pilcha para a Autonomia Feminina

A coleção *Raízes em Fio* propõe que, se o Tropeirismo uniu as regiões por necessidade funcional, o *design* pode unificá-las por expressão identitária. A fusão de códigos estéticos e de gênero é o ponto de união:

- Valoração da Força: A coleção pega o rigor da Pilcha Gaúcha (o valor documental da tradição) e a fluidez da Moda Sertaneja (a prova da adaptação contemporânea) e os une para honrar a força da mulher.
- A Bombacha como Ferramenta: Ao reinterpretar a Bombacha (símbolo de força) em modelagens femininas (mangas bufantes, pantalonas), o projeto afirma a força e a autonomia da mulher Biriva<sup>10</sup>/Prenda que carregou essa complexa herança cultural. O *design* se torna, assim, um agente de empoderamento, vestindo a história completa e complexa da mulher brasileira.

## 3 IDENTIDADE E EXPRESSÃO: O PROTAGONISMO FEMININO NO DESIGN

O vestuário, no contexto da cultura tropeira e do tradicionalismo gaúcho, transcende sua utilidade funcional para se firmar como o principal veículo de expressão e manutenção da identidade, com especial relevância para a figura feminina. Este capítulo consolida o argumento da pesquisa, analisando a indumentária como um campo de afirmação do protagonismo da mulher, examinando como a busca por autenticidade no consumo legitima a proposta de fusão de códigos de gênero da coleção *Raízes em Fio*.

### 3.1 Identidade como Construção e a Autonomia Feminina no Vestir

A identidade cultural é uma construção social que evolui em diálogo com a memória e a apropriação de símbolos (HALL, 2006). Para a mulher inserida na herança tropeira a Prenda ou a mulher Biriva — essa identidade foi historicamente codificada por normas de recato e delicadeza.

---

<sup>10</sup> **Biriva**: Termo etnográfico que identifica o trabalhador rural no interior de São Paulo e Paraná, historicamente ligado ao Tropeirismo.

Contudo, a mulher contemporânea busca que sua vestimenta reflita a autonomia e a força nativa inerentes à sua história de trabalho e resistência, contestando a imagem puramente passiva legada pelo passado (CIRANDA CULTURAL DE PRENDAS, 2021). O design contemporâneo, nesse contexto, transforma-se em uma ferramenta social, permitindo que a mulher vista a simbologia do poder que a Pilcha masculina (Bombacha) historicamente representou.

O ato de escolher a roupa é um ato de autoafirmação (MIRANDA, 2008), que busca na peça a expressão da dupla identidade (feminina/delicada e forte/autônoma) e se torna uma extensão da subjetividade do indivíduo.

### 3.2 A Moda como Consumo de Identidade e a Demanda por Genuinidade

O consumo de moda, para este público, é fundamentalmente um consumo de identidade, onde o valor simbólico do produto supera sua utilidade básica. A demanda por autenticidade é latente: o público procura peças que honrem a gênese histórica tropeira, sem cair no anacronismo ou na descaracterização estética (DUTRA, 2014).

A crítica à lacuna de mercado reside no fato de que o segmento falha em suprir essa demanda complexa, seja por aderir a estereótipos ou por cair em práticas de descaracterização que violam os códigos do MTG (ANDRADE, 2018).

A coleção *Raízes em Fio* propõe preencher essa lacuna, oferecendo um vestuário casual-simbólico que traduz o rigor da tradição em uma linguagem contemporânea.

### 3.3 O Vestido de Prenda: O Alicerce Emocional para a Reinterpretação no Design

O Vestido de Prenda, mais do que qualquer outra peça, serve como o alicerce emocional e simbólico da coleção e da identidade feminina. Embora a Bombacha seja o símbolo da força, o Vestido de Prenda é o traje de honra que carrega a memória da mulher gaúcha (PAVANI, 2017).

Sua importância reside em ser o ponto de partida feminino para a inovação. A rigidez do código do vestido (longo, recatado, cores sóbrias), que foi formalizada para simbolizar a guardiã da tradição (REOLON; OLIVEIRA, s.d.), é intencionalmente contrastada com a

força da Bombacha.

a) O Design como Reconfiguração da Força: A fusão de códigos de gênero promovida pela coleção *Raízes em Fio* é uma resposta direta a essa dualidade. O *design* pega a simbologia de força e praticidade da Bombacha (masculino) e a injeta em elementos de *design* tipicamente femininos, quebrando a barreira simbólica:

- Ampliação do Gesto: A estrutura folgada da Bombacha é reconfigurada na calça pantalonada e nas mangas bufantes, vestindo a mulher com a amplitude de movimento e a autonomia antes reservadas ao peão.
- Tributo à Memória Geracional: O foco em tecidos naturais e cores da terra resgata a vivência familiar e a memória subterrânea do trabalho artesanal e da costura (CARDOZO, 2023), que era o *locus* de poder da mulher.

A proposta de *design* atua, assim, como uma solução que permite que a mulher honre a delicadeza da Prenda e a força indomável do Tropeiro, afirmando uma identidade completa que é histórica, forte e adaptável. O vestuário torna-se o artefato de síntese que materializa a conexão Sul-Sudeste e a evolução do papel feminino.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo cumpriu o objetivo de investigar a Herança Tropeira como o alicerce histórico que legitima a reinterpretação da Pilcha Gaúcha e da Moda Sertaneja no design contemporâneo, demonstrando o vestuário como um poderoso veículo de expressão da identidade feminina. As análises desenvolvidas nos capítulos centrais permitem validar a tese de que a convergência pragmática das culturas Sul-Sudeste, aliada ao imperativo de representação da mulher moderna, autoriza a fusão estética na moda atual. O estudo estabeleceu a autenticidade da união cultural ao confirmar que a aproximação entre o Pampa Gaúcho e o Interior Paulista é o resultado de um sincretismo cultural de longa duração (Capítulo 3).

O Tropeirismo atuou como o vetor desse intercâmbio, unindo as regiões por pragmatismo funcional, um fato evidente nas soluções de subsistência e nos marcadores linguísticos e musicais. Essa base histórica inegável confere a legitimidade para a investigação estética. A análise da Indumentária (Capítulo 2) demonstrou que a Pilcha, em seu rigor codificado, é um palimpsesto cultural, historicamente aberto a fluxos globais (a Bombacha, de origem externa, é a maior prova). Essa natureza, que privilegia a função sobre a forma, é o que justifica a proposta de renovação e a reinterpretação dos símbolos no design. A identidade (Capítulo 4) emerge como o campo onde a proposta de design se concretiza.

A pesquisa evidenciou a tensão entre o código de recato imposto pelo Vestido de Prenda e a força autônoma da mulher contemporânea. A coleção Raízes em Fio atua como uma resposta de design fundamental, sanando a lacuna de mercado que falha em

suprir a demanda por autenticidade e inovação. O projeto promove uma fusão estratégica de códigos de gênero para reconfigurar a simbologia do vestuário, desmembrando a Bombacha (símbolo de força e autonomia masculina) e injetando-a em elementos femininos (calça pantalona, mangas bufantes), permitindo que a mulher vista o pragmatismo campeiro e a simbologia de poder antes reservadas ao peão. Essa força é equilibrada pelo resgate do Vestido de Prenda como o alicerce emocional da feminilidade, honrando o trabalho artesanal e as cores da terra, que são um tributo direto à memória geracional e aos saberes das guardiãs da cultura (CARDOZO, 2023).

O TCC valoriza a vivência íntima e afetiva da pesquisadora com a cultura da costura e a tradição familiar, transformando essa memória em uma proposta de valor para o mercado. O projeto prova que a moda pode ser um elo vivo entre passado e futuro, oferecendo uma nova perspectiva onde o traje tradicionalista pode ser simultaneamente autêntico e contemporâneo. A coleção Raízes em Fio se posiciona como um artefato de síntese que materializa a conexão Sul-Sudeste, transpondo o rigor da regra para o campo da expressão individual e afirmando a identidade completa delicada e forte da mulher brasileira. Por fim, o trabalho sugere que o futuro da moda tradicionalista reside na coragem de reinterpretar seus códigos a partir de uma base histórica sólida e do reconhecimento do protagonismo de quem a veste.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Jaine Elise Caon de; MAKARA, Elen. Indumentária feminina no tradicionalismo gaúcho: desenvolvimento de coleção de moda a partir da legislação do MTG. **Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Design de Moda)** - Instituto Federal de Santa Catarina, Câmpus Gaspar, 2018.

CARDOZO, Juliana. Identidade cultural feminina através da confecção do traje típico da prenda gaúcha. In: **Anais do XXVII Congresso de Iniciação Científica - CONIC**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2023.

CIRANDA CULTURAL DE PRENDAS. **Prendas do Rio Grande do Sul 2019-2021: livro oficial**. Porto Alegre: MTG - Movimento Tradicionalista Gaúcho, 2021.

CÓRDOVA, Ulisses de Arruda; CÓRDOVA, Ulisses Mateus Ramos; SANTOS, Andréia Pires dos. Tropeiros, Caminhos e Queijos no Planalto das Araucárias. **rLAS**, v. 6, n. 1, 2024. Disponível em: [Inserir URL do artigo].

DUTRA, Kelly et al. Moda e identidade: considerações sobre indumentária gaúcha. **Ponto Revista Científica**, v. 1, n. 1, dez. 2014.

FORLÉO, Carolina Araújo et al. Mulheres gaúchas, sonhos de consumo e condição socioeconômica. **PRETEXTO**, v. 21, n. 4, 2020. Disponível em: [Inserir URL do artigo].  
FORLÉO, Carolina Araújo et al. **EBSCO-FullText-09\_29\_2025.pdf** (Base para análise de sonhos de consumo). [S.d.].

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Monções**. São Paulo: Brasiliense, 1976.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Bugres, tropeiros e birivas: aspectos do povoamento do planalto serrano**. In: História de Santa Catarina no Século XIX. Florianópolis: UFSC,

2001.

MIRANDA, Ana Paula de. **Consumo de Moda: A relação pessoa-objeto**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

PAVANI, Daniele Rodrigues. Vestir o corpo de tradição: um estudo sobre o traje de prenda no MTG. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 9, n. 18, 2017.

REOLON, Cleici Naira Rios; OLIVEIRA, Natalie Pacheco. A moda do vestido de prenda: do surgimento até os dias atuais. **RIHGRGS**, Porto Alegre, n. 157, dez. 2019.

ROBBIN, Daniel Abud Marques; ROMANO, Valter Pereira. Geolinguística, léxico e história social: o que revelam os itens lexicais ligados à ideia de morte em dados do ALERS? **Revista Moara**, n. 65, ago-dez 2023.

SALEH, Francys Peruzzi. Bombacha: o símbolo da identidade gaúcha. **ModaPalavra e-periódico**, v. 8, n. 15, jan.-jul. 2015.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: HUCITEC, 2006.

WOLFF, Cristina Scheibe. **Memórias de um esquecimento**. Florianópolis: FUNPESQUISA, 2001.